

PANORAMA DA INDÚSTRIA DO CIMENTO NO BRASIL

Com - Ind - Br.

Dr. JOSÉ MARIO TAVARES DE OLIVA
SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DO CIMENTO

Coordenador:
Engº Francisco Sanz Esteban
Serrana S/A de Mineração.

O SR. COORDENADOR - Vamos dar prosseguimento às conferências do IVº Simpósio de Mineração, e temos a satisfação de anunciar a seguinte conferência que será "Panorama da Indústria do Cimento no Brasil", e a honra de convidar o Dr. José Mario Tavares de Oliva para proferir a referida conferência.

O Dr. José Mario Tavares de Oliva é Presidente do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento; Diretor da Indústria de Cimento Portland e Diretor do Grupo Industrial Itau.

Com a palavra o Dr. José Mario Tavares de Oliva.

Prezados Senhores

Entre os principais objetivos do SNIC, um tem para nós capital importância, qual seja, informar.

Informar a todos aqueles que lideram a opinião pública em nosso país sobre nossos esforços, sobre nossa realidade, sobre nossos problemas.

Baseado nesse objetivo é que aceitamos o convite do Centro Moraes Rêgo, para juntos debatermos os problemas do setor cimenteiro nacional.

Como início dessa palestra achamos que seria de grande valia para os senhores, apresentar um panorama geral da indústria e, para isso vamos projetar um audio-visual que focaliza o histórico da indústria, os processos de fabricação e, os órgãos representativos da classe, como sejam, o Sindicato Nacional da Indústria do Cimento e a Associação Brasileira de Cimento Portland, órgão técnico criado pelos pioneiros da indústria do cimento do Brasil em 1936 e, que desde aquela época vêm se dedicando à pesquisa, desenvolvimento e assistência técnica, nas aplicações do cimento e do concreto, sendo que, para essas atividades a indústria destina este ano, cerca de 8 milhões de cruzeiros.

IMPLANTAÇÃO NO BRASIL

Não foi fácil a implantação da indústria cimenteira no Brasil.

A iniciativa coube ao Comendador Antonio Proost Rodvalho em

1888, pouco depois da implantação da indústria nos Estados Unidos, tentou ele instalar, em sua fazenda, a primeira fábrica.

A partir dessa data, várias tentativas infrutíferas foram feitas na Paraíba e no Espírito Santo até que, em 1924, iniciou-se a construção da fábrica da Cia. Brasileira de Cimento Portland em São Paulo.

Dois anos mais tarde, em 1926, eram entregues ao mercado, as primeiras toneladas. Tem início assim, a produção de cimento no Brasil, que atingiu nesse ano, 13.382 t, 3,3% do Consumo Nacional; o restante 400 mil toneladas, foram importadas.

De 1926 a 1939 o aumento da produção foi vertiginoso e, ao fim da década, 94% do consumo nacional era atendido pela produção anual de quase 700 mil toneladas.

Durante a II Guerra, época de crise mundial, nossa indústria desenvolveu-se de forma espantosa, enquanto a importação caía acentuadamente.

Após a Guerra, a demanda foi fortemente incentivada.

De 1953 até hoje, instalaram-se mais de 20 novas fábricas, contra as onze então existentes.

A indústria cimenteira brasileira, agindo com determinação nestes últimos anos, incorpora-se atualmente à lista dos 10 maiores produtores mundiais e lidera a América Latina, com uma produção anual de cerca de 17 milhões de toneladas.

Em 1977, a produção deverá superar a casa dos 25 milhões de toneladas anuais.

A indústria cimenteira, além de contribuir, em 1973, para os cofres públicos com cerca de 490 milhões de cruzeiros, é grande geradora de empregos indiretos; é um dos ramos industriais mais sólidos e, fator preponderante para o desenvolvimento de um país em franca fase de expansão.

A contribuição da indústria cimenteira à economia do país, transcende a índices e balanços.

Sendo a construção um dos mais importantes fatores de desenvolvimento, é fácil perceber que o cimento está associado ao progresso. São estradas, habitações, aeroportos; pontes e barragens; ruas e viadutos; silos, armazéns e irrigação. O cimento significa considerável melhoria nos padrões econômico-sociais do povo.

Este é o momento em que o cimento é o pó que molda, nas hidroelétricas, nas estradas e na construção civil, o desenho do desenvolvimento do país.

Vamos apresentar alguns quadros que ilustram a evolução da indústria de cimento e sua situação no momento.

Resumindo o que os senhores acabaram de ouvir, caberia ainda nesta oportunidade, destacar que a história da indústria do cimento no Brasil, já conta com quase 50 anos.

Nesses 50 anos, passamos de país importador para nos colocar entre os 10 maiores produtores mundiais liderando a América Latina, não devendo nos esquecer que em 1925 não se fabricava um só quilo de cimento no país.

Hoje, não só atendemos toda a demanda nacional, como já estamos capacitados a atender a eventuais pedidos de outros países.

Entretanto, voltamos a ressaltar que, cimento não é produto de exportação. Mesmo o maior produtor mundial como foi visto, a União Soviética não exporta mais que 3,5% de sua produção. O Brasil no ano passado já atingiu a 1% de exportação, em relação à sua produção.

De toda a história da indústria no Brasil, o maior salto foi dado em fins da década de 60 e está tendo prosseguimento nesta década, mostrando a preocupação constante desta indústria em participar e acompanhar todas as fases do desenvolvimento brasileiro.

Os números ilustram bem nossa afirmativa. De 6.500.000 ton. em 67, passamos para mais de 13 milhões em 73, passaremos a 17 milhões neste ano, atingindo 25 milhões de toneladas em 1977, ou seja, quadruplicaremos a produção em 10 anos.

Somente nos últimos 12 meses, nosso crescimento foi quase de 20%. Isto se deve a um plano de investimento da ordem de US\$1.300.000,00, dos quais US\$800.000,00 já foram aplicados pelos industriais brasileiros.

Para realizar estes planos de expansão, optou a indústria nacional, pela melhor tecnologia que se poderia desejar, de comum acordo com todos os órgãos oficiais, visando novos processos de fabricação que redundassem em economia de óleo combustível, equiparando o nosso parque cimenteiro aos mais avançados do mundo.

A execução desse objetivo exigiu grandes investimentos. Investimentos esses, que em nosso país estão totalmente à cargo da iniciativa privada.

Mas, se por um lado, aumentamos a produção superando o consumo, por outro lado, enfrenta a indústria do cimento, uma fase de adaptação à nova fisionomia do mercado, às novas dimensões de sua produção e, às grandes pressões das amortizações dos financiamentos referentes aos investimentos realizados.

Esta fase se caracteriza principalmente pelo efeito do deslocamento não favorável, de 3 variáveis principais a saber:

- queda do preço real de venda do produto;
- elevação do dispendido em investimentos fixos devido a alta dos preços dos equipamentos de origem;
- posição cambial crescentemente desfavorável principalmente na área do marco alemão.

Os órgãos públicos de controle de preço, evidentemente cumprindo uma missão específica, em regra geral não consideraram os investimentos, sua amortização, despesas, remuneração, além da depreciação e reservas para expansão.

Os aumentos de preço foram concedidos quase que exclusivamente, em ressarcimento por elevação de preços dos insumos principais e mão-de-obra, não contemplando os itens menores, mas numerosos e significativos. Enfim, a rígida política governamental de contenção de preços não permitiu os aumentos necessários, a justa e correspondente correção dos preços de venda.

A estreita colaboração entre o governo e a iniciativa privada, que ensejou o grande programa a que se predispôs a indústria de cimento, está agora voltada às providências necessárias para correção das distorções capazes de produzir as chamadas "Crises de Crescimento", que poderiam impedir a continuação do desenvolvimento desta indústria, uma das indústrias básicas do nosso país.

Essa situação atual vem sendo agora discutida amplamente com as autoridades competentes através do SNIC, das quais temos tido a melhor compreensão e boa vontade, podendo-se acreditar, que dentro em breve possam ser adotadas as medidas corretivas necessárias ao equilíbrio e estímulo do setor.

Esperando ter podido nesta nossa apresentação, transmitir-lhes uma imagem do que é a indústria do cimento no momento e para quaisquer dúvidas que ainda parem e não tenham sido elucidadas, colocamo-nos agora à disposição de V.Sas. confiando poder esclarecê-las.

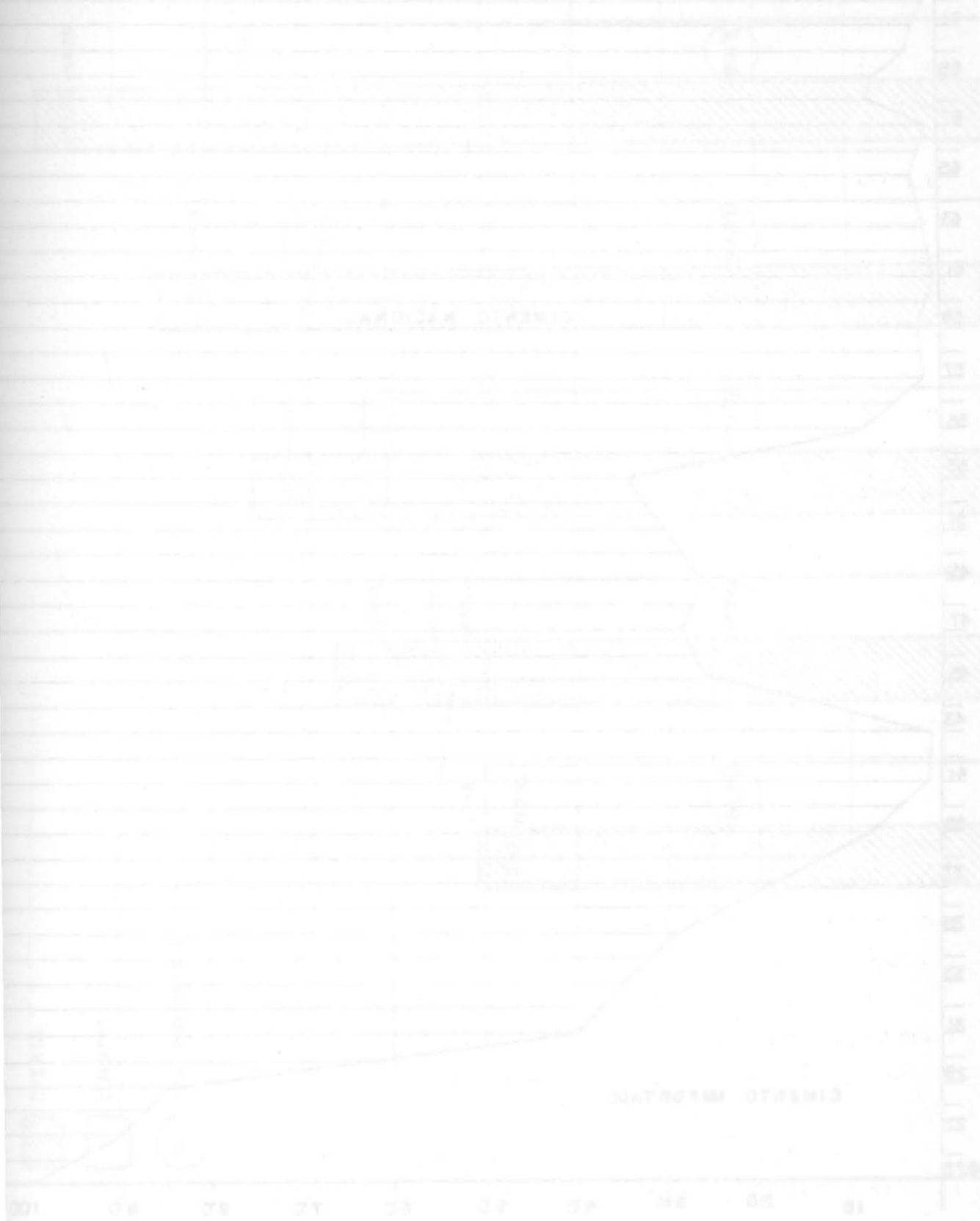
Com o término de um ciclo em 1970, no qual a oferta era inferior à demanda, e o início de outro, há previsões bastante favoráveis. Há possibilidade de crescimento anual na base de 10 a 14%.

O Brasil é o país que apresenta o maior índice de aumento percentual de produção de cimento no mundo. Os 13.397.576 ton. produzidos em 1973 significaram um aumento de 17,7% sobre a produ

ção do ano anterior.

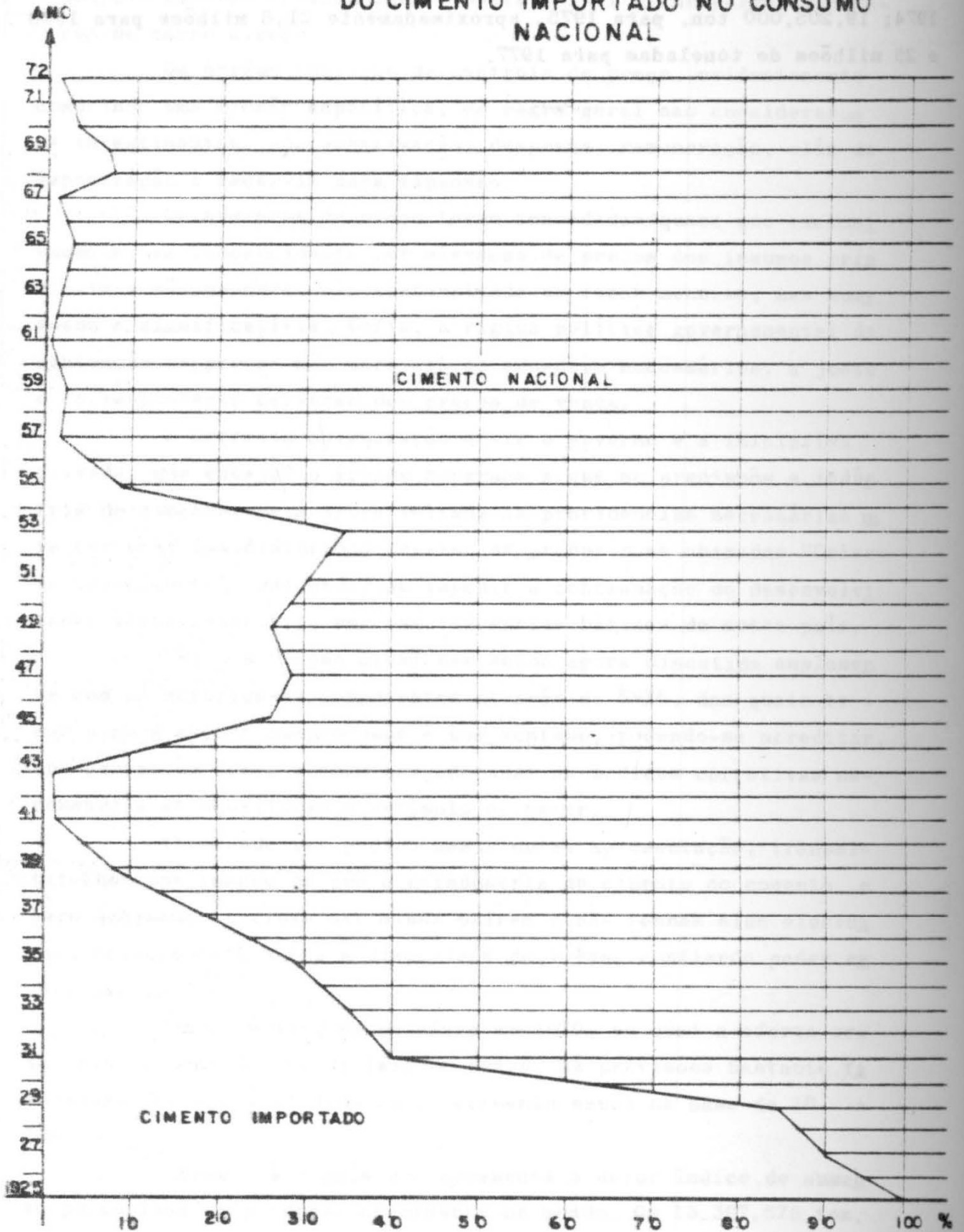
Nossas exportações para os Estados Unidos, República Dominicana, Nigéria, Bolívia, Serra Leoa e Guiana, perfizeram 123.127 ton. em 1973.

As previsões de produção são da ordem de 17.130.000 ton. para 1974; 19.205.000 ton. para 1975, aproximadamente 21,8 milhões para 1976 e 25 milhões de toneladas para 1977.






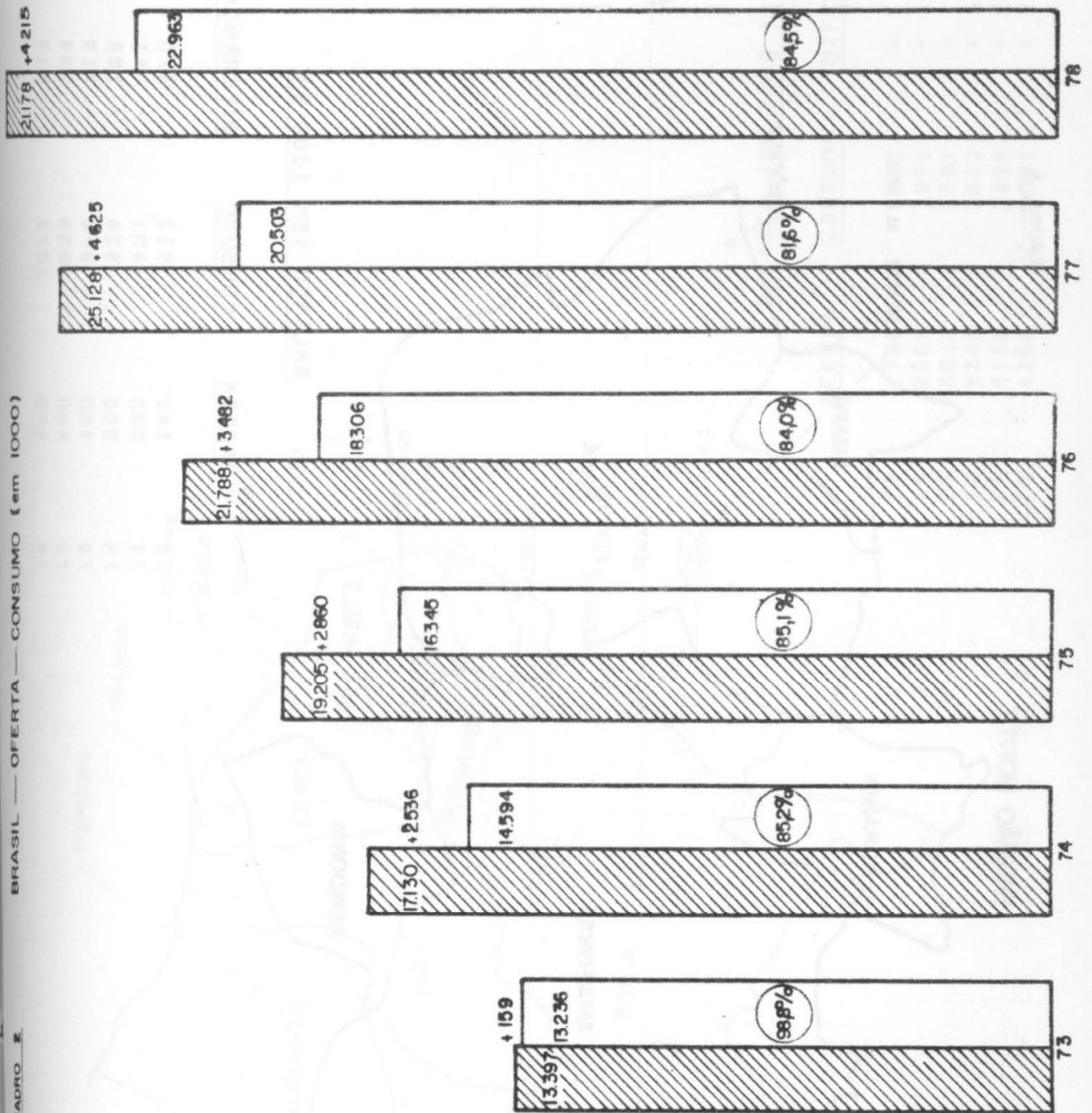
QUADRO I

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO CIMENTO IMPORTADO NO CONSUMO NACIONAL

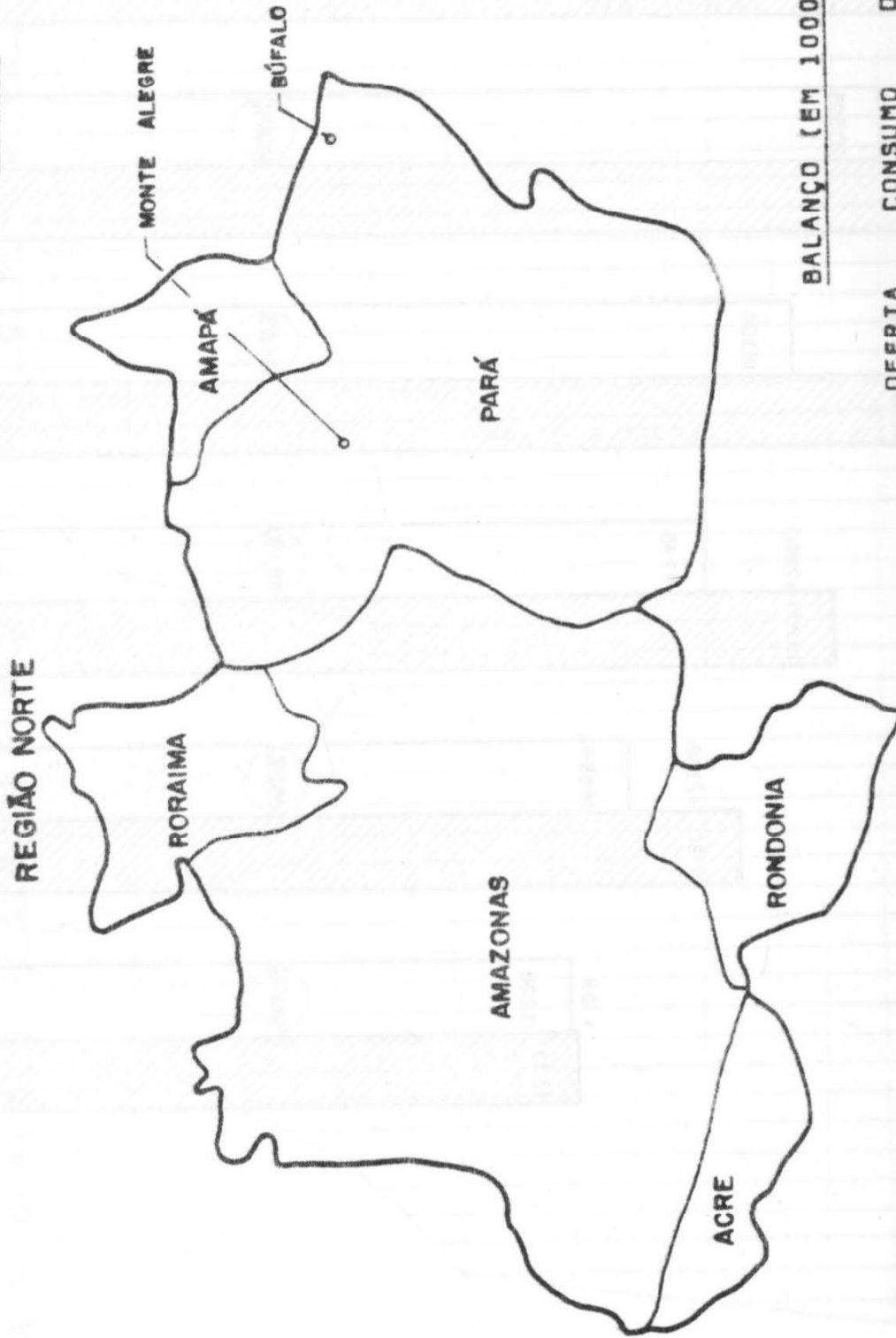


QUADRO E BRASIL — OFERTA — CONSUMO (em 1000)

 OFERTA
 CONSUMO
 % CONSUMO/OFERTA



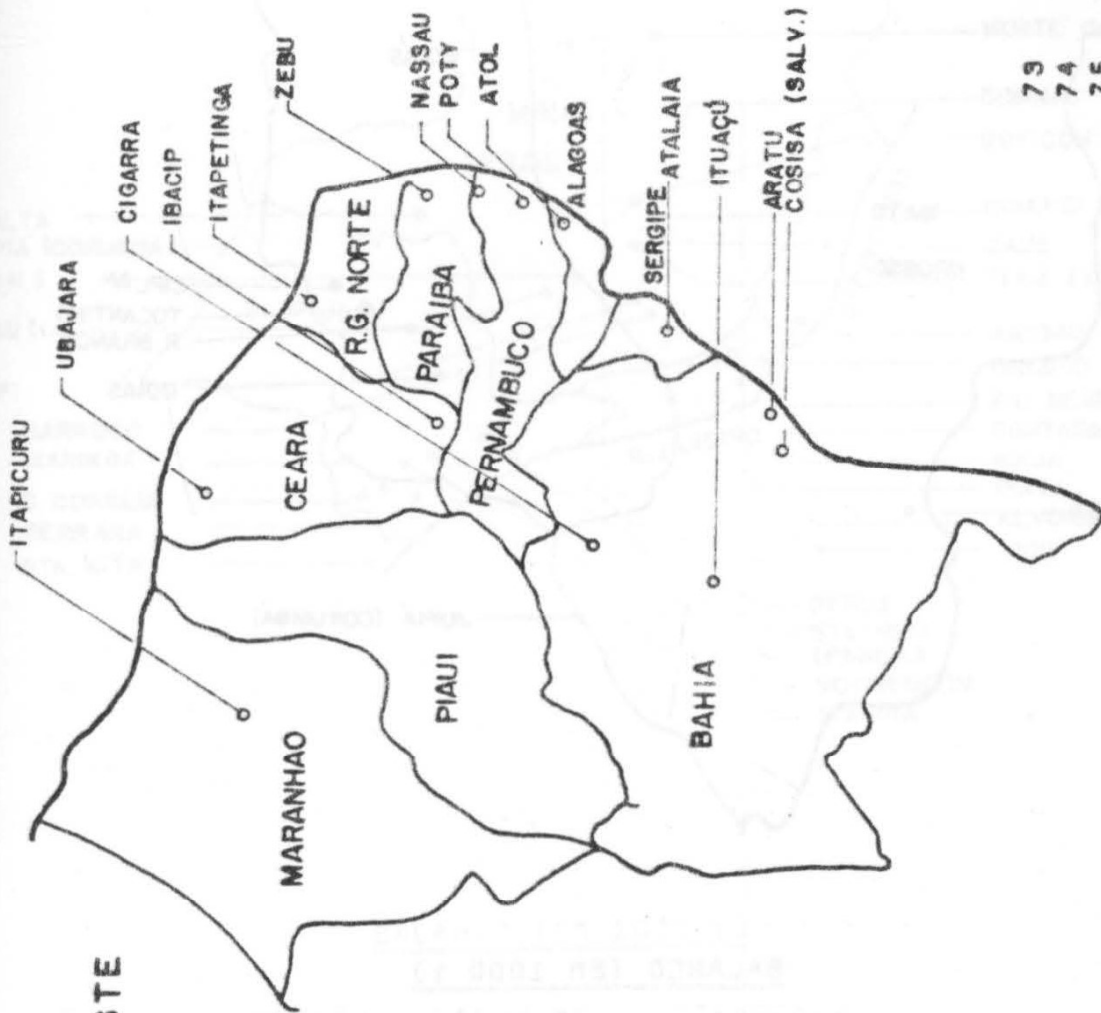
QUADRO 5



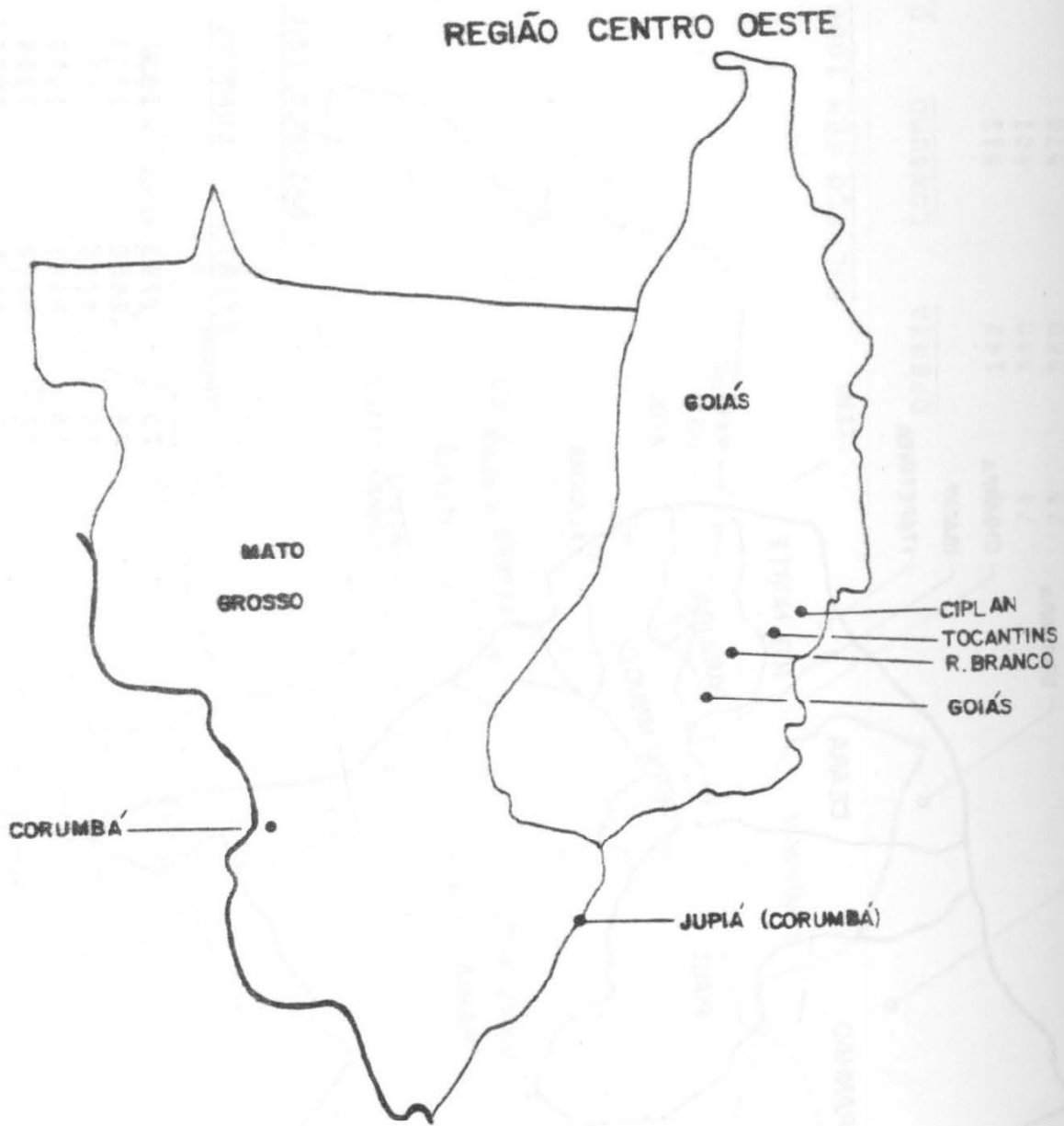
BALANÇO (EM 1000 t)		DIFERENÇA
OFERTA	CONSUMO	
79	312	- 170
74	401	- 41
75	528	- 188
76	679	- 219
77	858	- 389
78	1072	- 612

QUADRO 4

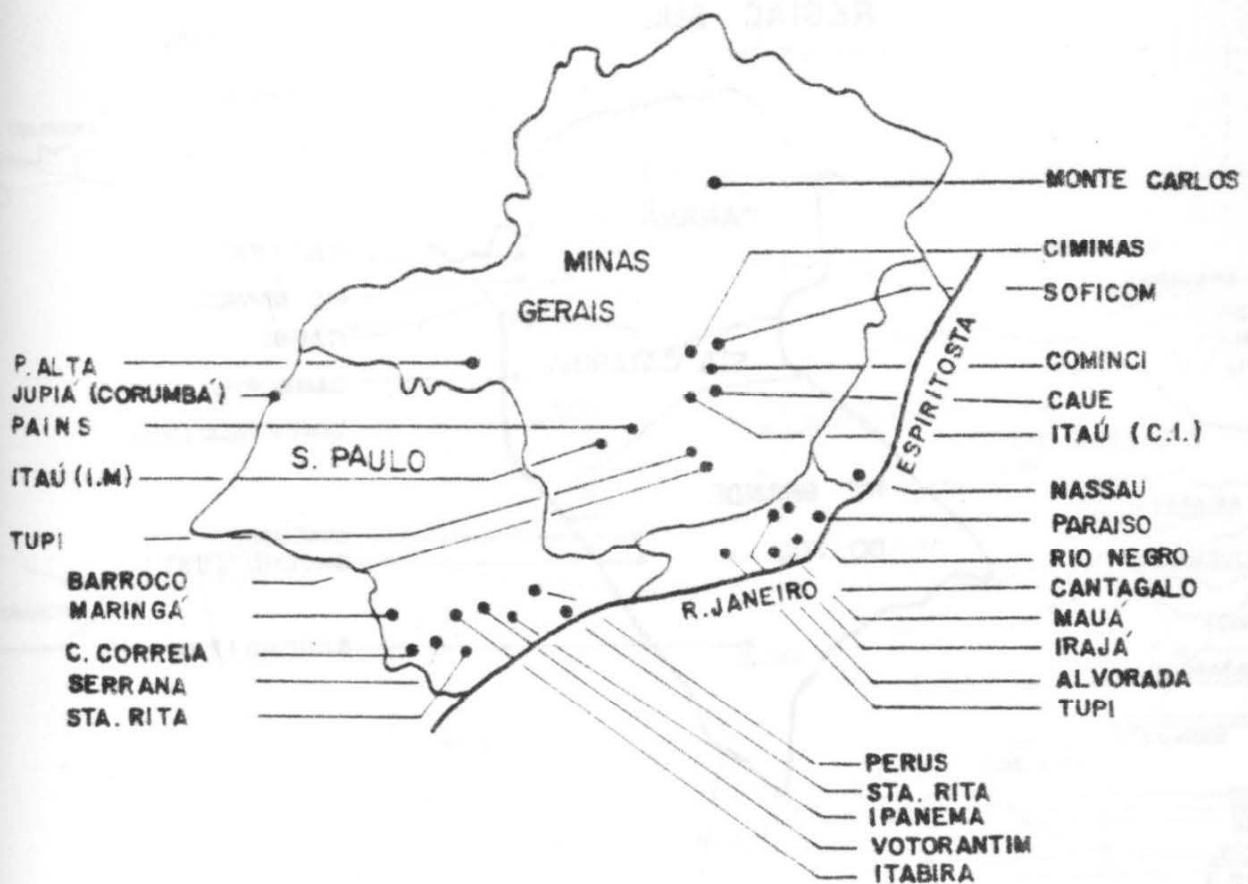
REGIÃO NORDESTE



	BALANÇO (EM 1000 t)		
	OFERTA	CONSUMO	DIFERENÇA
79	1798	1637	+ 159
74	2660	1671	+ 1189
75	3010	1767	+ 1243
76	3243	1862	+ 1381
77	4158	1954	+ 2204
78	4158	2041	+ 2117

QUADRO 5BALANÇO (EM 1000 t)

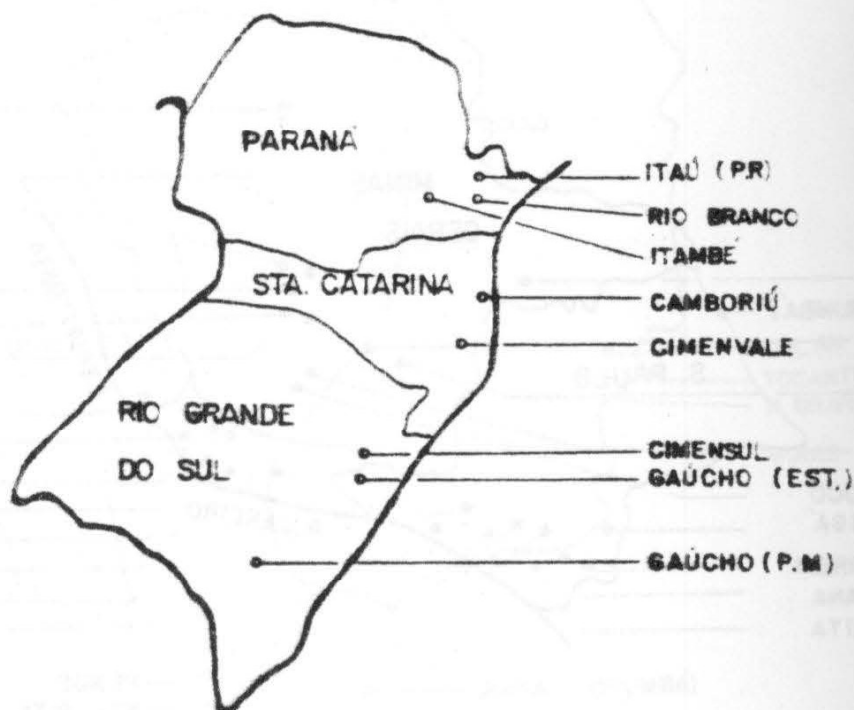
	<u>OFERTA</u>	<u>CONSUMO</u>	<u>DIFERENÇA</u>
73	835	857	- 129
74	1160	1168	- 8
75	1160	1418	- 258
76	1160	1719	- 553
77	1160	2058	- 898
78	1440	2462	- 1022

QUADRO 6REGIÃO SUDESTEBALANÇO (EM 1000 t)

	<u>OFERTA</u>	<u>CONSUMO</u>	<u>DIFERENÇA</u>
73	9221	8795	+ 486
74	10970	9453	+ 1517
75	12445	10381	+ 2064
76	14420	11396	+ 3024
77	16920	12505	+ 3815
78	18090	13716	+ 4374

QUADRO 7

REGIÃO SUL

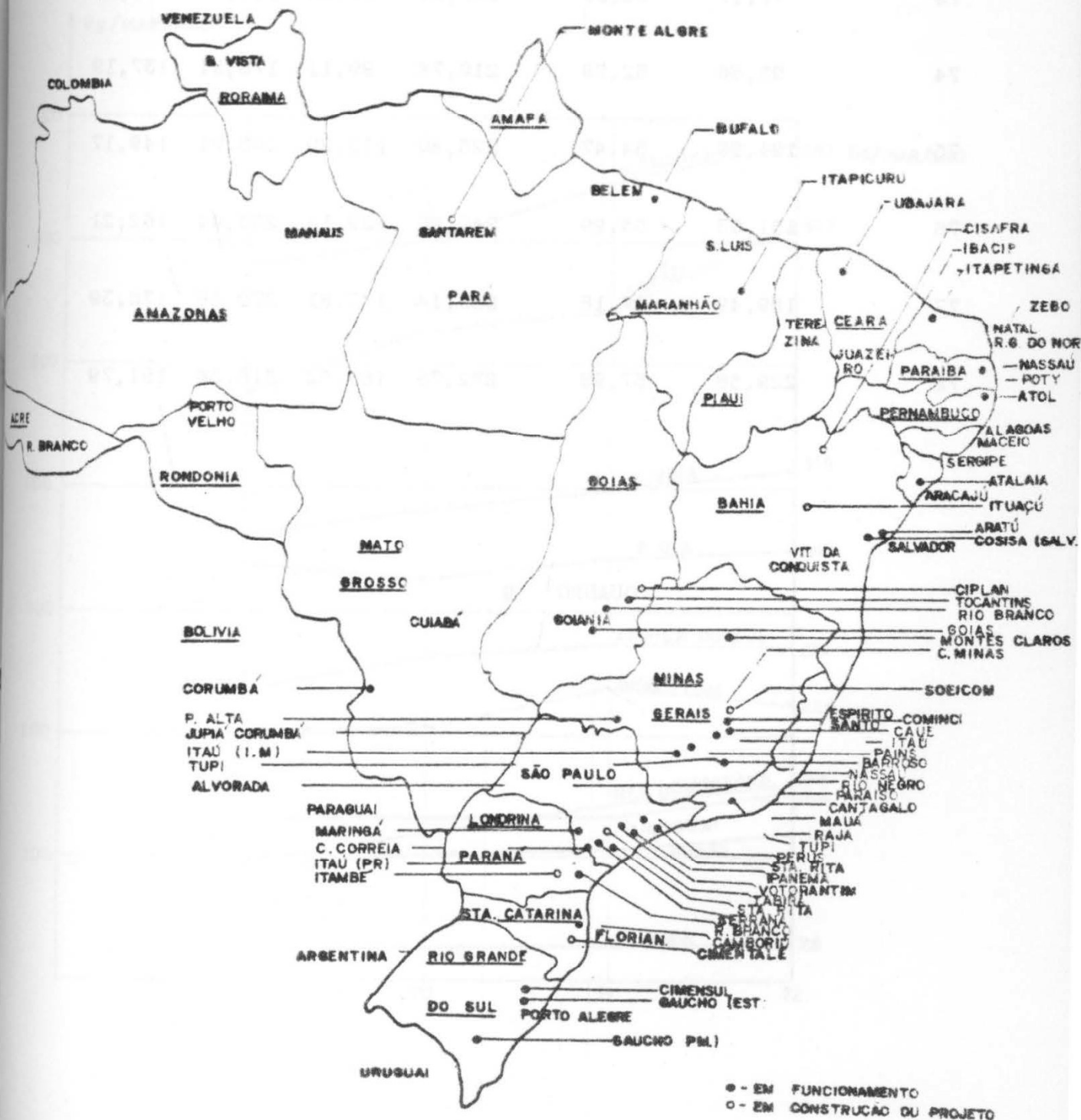
BALANÇO (EM 1000 t)

	<u>OFERTA</u>	<u>CONSUMO</u>	<u>DIFERENÇA</u>
73	1403	1507	- 104
74	1780	1901	- 121
75	2230	2250	- 20
76	2505	2656	- 151
77	3030	3127	- 97
78	3030	3672	- 642

QUADRO E

DISTRIBUIÇÃO DAS 56 FABRICAS BRASILEIRAS

EM OPERAÇÃO E EM INSTALAÇÃO



CONSUMO PER CAPITA

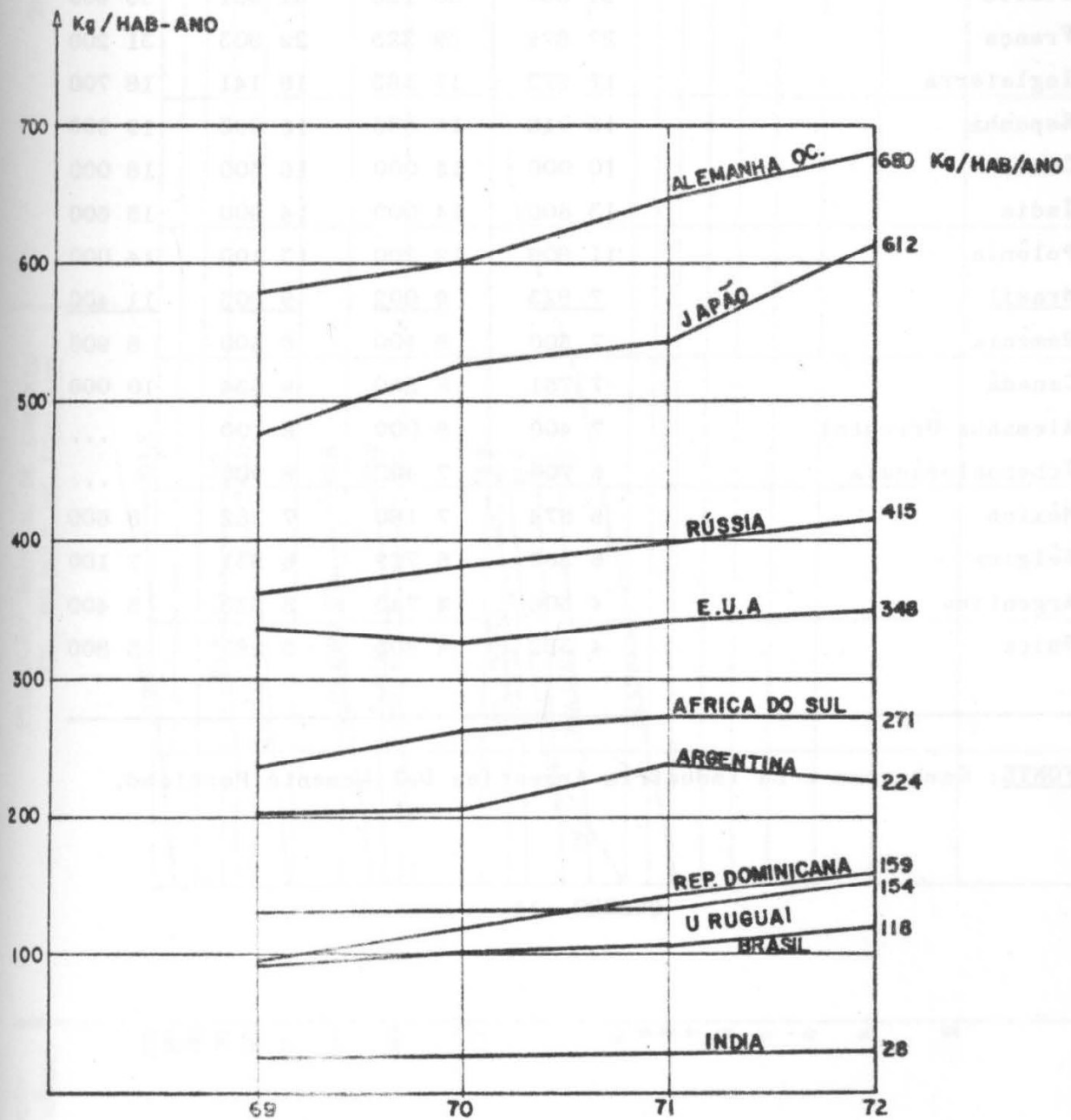
(Kg / Habitante Ano)

Ano	Região					
	NORTE	NOROESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO OESTE	BRASIL
73	77,17	53,01	200,01	86,22	155,41	130,20
74	95,86	52,79	210,78	99,11	178,91	137,19
75	121,99	54,47	225,40	113,29	205,01	149,17
76	151,63	55,99	240,96	129,14	233,44	162,21
77	189,49	57,18	256,14	147,81	272,38	176,39
78	229,58	57,98	272,76	168,52	316,36	191,79

QUADRO 9

QUADRO 10

CONSUMO PER CAPITA



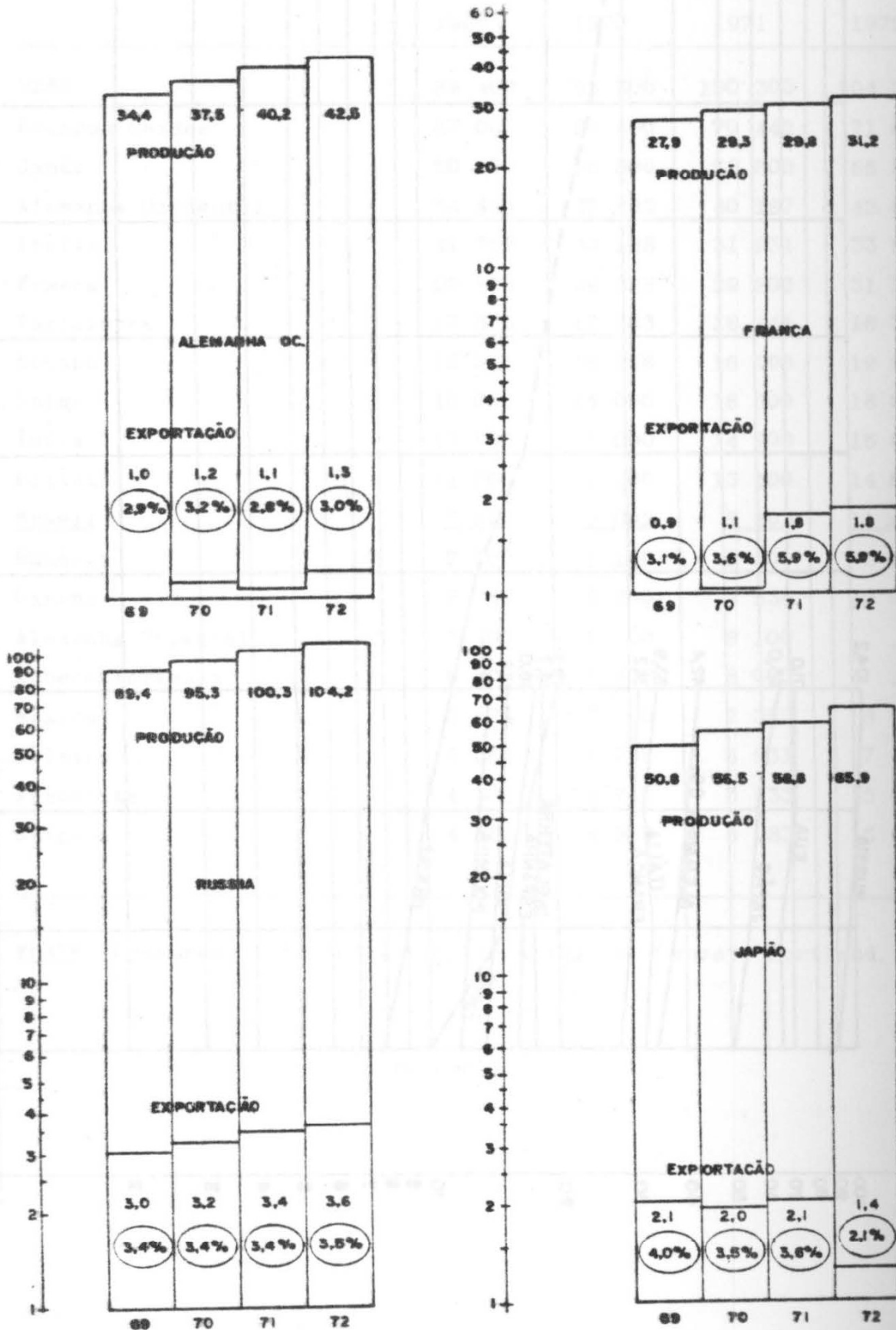
PRODUÇÃO MUNDIAL

PAÍSES	PRODUÇÃO (1.000 t)			
	1969	1970	1971	1972
URSS	89 400	95 300	100 300	104 200
Estados Unidos	67 067	66 480	70 442	71 000
Japão	50 800	56 500	58 800	65 900
Alemanha Ocidental	34 422	37 482	40 167	42 600
Itália	31 357	33 128	31 931	33 900
França	27 879	29 325	29 803	31 200
Inglaterra	17 573	17 583	18 141	18 700
Espanha	16 015	16 536	16 993	19 900
China	10 000	15 000	16 500	18 000
Índia	13 600	14 000	14 900	15 600
Polônia	11 800	12 200	13 100	14 000
<u>Brasil</u>	<u>7 823</u>	<u>9 002</u>	<u>9 803</u>	<u>11 400</u>
Rumênia	7 500	8 100	8 500	8 900
Canadá	7 751	8 250	9 534	10 000
Alemanha Oriental	7 400	8 000	8 100	...
Tchecoslováquia	6 700	7 400	8 000	...
México	6 674	7 180	7 362	8 600
Bélgica	6 269	6 729	6 931	7 100
Argentina	4 306	4 743	5 533	5 400
Suiça	4 552	4 805	5 283	5 800

FONTE: Cembureau e La Indústria Argentina Del Cemento Portland.

QUADRO 13

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DOS 4 MAIORES EXPORTADORES
(EM MILHÕES DE TONS)



CONSUMOS / INSUMOS

QUANT. (1973)

FUEL-OIL	1.371.155 T
ENERGIA ELÉTRICA	1.139.586.000
(KWH)	
<p>O consumo nacional de óleo combustível em 1973, foi de 10.500 milhões de toneladas. A indústria do cimento consumiu 13%.</p>	
CALCÁRIO	15.303.592 T
ARGILA	1.250.671 T
ESCORIA	738.428 T
GESSO	287.699 T
FERRO	78.423 T

QUADRO 14

MODELO BÁSICO

FÁBRICA PARA PRODUÇÃO DE 1.000 t/DIA

INVESTIMENTO	US\$75.00/t
.....	US\$27 milhões
.....	Cr\$175.000.000,00
CAPITAL PRÓPRIO	Cr\$ 56.000.000,00 Aprox:- 32%

CAPACIDADE DE PAGAMENTO

(Cr\$ 11,50 p/50 kg.)

RUBRICAS	Utilização da capacidade	
	100%	70%
Receita Anual	80 500 000	56 350 000
Amortização (média 7 anos)	23 056 501	23 056 501
Remuneração capital próprio	4 480 000	4 480 000
Despesas de operação	41 828 669	29 280 068
Depreciação (7 anos)	19 501 863	19 501 863
Saldo	- 8 367 033	- 19 968 432

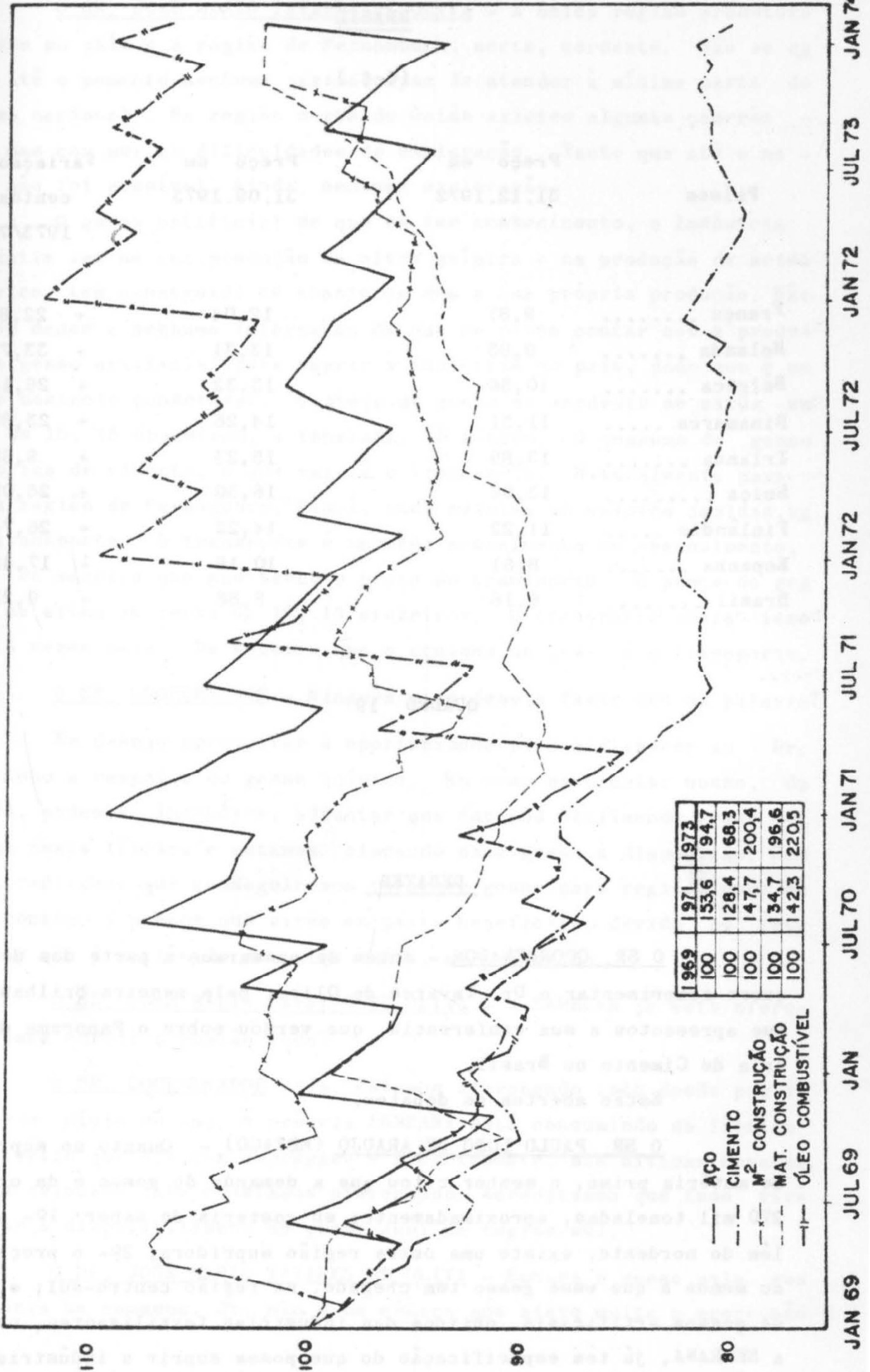
EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES: COTAÇÃO DO MARCO ALEMÃO, PREÇO NO CIMENTO EVALOR DA ORTN

Meses	Cotação		Preço Médio			
	D.M. em Cr\$	Índice	Ponderado Cr\$ 50/kg FOB	Cimento Índice	Valor ORTN Cr\$	Índice
Jan 69	0,9581	100,0	4,93	100,0	35,62	100,0
Abr 69	0,9958	103,9	4,87	98,8	37,43	105,1
Jul 69	1,0221	106,7	4,99	101,2	39,00	109,5
Out 69	1,1273	117,7	5,17	104,9	39,92	112,1
Jan 70	1,1815	123,3	5,47	111,0	42,35	118,9
Abr 70	1,2335	128,7	5,65	114,6	44,67	125,4
Jul 70	1,2570	131,2	5,79	117,4	46,20	129,7
Out 70	1,3008	135,8	5,90	119,7	47,61	133,7
Jan 71	1,3589	141,8	6,24	126,6	50,51	141,8
Abr 71	1,4037	146,5	6,30	127,8	52,64	147,8
Jul 71	1,5228	158,9	6,41	130,0	55,08	154,6
Out 71	1,6441	171,6	6,67	135,3	58,61	164,5
Jan 72	1,7969	187,5	7,01	142,2	61,52	172,7
Abr 72	1,8339	191,4	7,19	145,8	63,81	179,1
Jul 72	1,8735	195,5	7,39	149,9	66,93	187,9
Out 72	1,8962	197,9	7,74	157,0	68,95	193,6
Jan 73	1,9646	205,1	8,04	163,1	70,87	199,0
Abr 73	2,1438	223,8	8,15	165,3	73,19	205,5
Jul 73	2,5570	266,9	8,47	171,8	75,80	212,8
Out 73	2,5450	265,6	8,86	179,7	77,87	218,6
Jan 74	2,1650	226,0	9,34	189,5	80,62	226,3
Abr 74	2,5450	265,6	10,28	208,0	83,73	235,1

Especificação	Índices		Variação
	Janeiro 69	Março 74	± no período
Cimento	100	81	- 19
Óleo Combustível	100	102	+ 2
Mat. Construção	100	101	+ 1
Aço	100	98	- 2
Deflator: IGP - DI			
Base: Jan/69 = 100			

QUADRO 17

QUADRO 18
 ÍNDICES DE PREÇOS
 (VALORES DEFALACIONARIOS PELO IPG.DI)
 (BASE JAN 69 = 100)



AUMENTO DO PREÇO DO CIMENTO CO 40 M EM ALGUNS PAÍSES DA EUROPA E NO

<u>BRASIL</u>			
(Cr\$)			
<u>Países</u>	<u>Preço em</u> <u>31.12.1972</u>	<u>Preço em</u> <u>31.09.1973</u>	<u>Variação Per-</u> <u>centual</u> <u>1973/72</u>
França	9,81	12,04	+ 22,86
Holanda	9,95	13,31	+ 33,77
Bélgica	10,56	13,32	+ 26,14
Dinamarca	11,51	14,26	+ 23,89
Irlanda	13,89	15,23	+ 9,65
Suíça	13,09	16,50	+ 26,05
Finlândia	11,22	14,22	+ 26,74
Espanha	8,61	10,18	+ 17,42
Brasil	8,18	8,88	+ 9,23

QUADRO 19

DEBATES

O SR. COORDENADOR - Antes de passarmos à parte dos debates, quero cumprimentar o Dr. Tavares de Oliva, pela maneira brilhante com que apresentou a sua conferência, que versou sobre o Panorama da Indústria do Cimento no Brasil.

Estão abertos os debates.

O SR. PAULO LOBO DE ARAUJO (METAGO) - Quanto ao suprimento de matéria prima, o senhor citou que a demanda do gesso é da ordem de 270 mil toneladas, aproximadamente; eu gostaria de saber: 1º- se, além do nordeste, existe uma outra região supridora; 2º- o preço, mais ou menos a que esse gesso tem chegado, na região centro-sul; e 3º- se os gessos artificiais, obtidos das indústrias fertilizantes, no caso, a SERRANA, já têm especificação do que possa suprir a indústria de cimento, procurando minimizar esse alto custo do gesso, principalmente do nordeste.

O SR. JOSÉ MARIO TAVARES DE OLIVA - A única região produtora de gesso no país é a região de Pernambuco, norte, nordeste. Não se conhece até o momento nenhuma jazida capaz de atender à mínima parte do consumo nacional. Na região norte de Goiás existem algumas ocorrências, mas com muitas dificuldades de exploração. Tanto que até o momento não foi possível, ainda, nenhuma exploração.

O gesso artificial de que se tem conhecimento, a Indústria Votorantim tem na sua produção da nitro química e na produção de ácido sulfúrico, tem conseguido se abastecer com a sua própria produção. Não existem dados e nenhuma informação de que se possa contar com a produção de gesso artificial para suprir a indústria no país, dado que é um número bastante ponderável. O preço do gesso no nordeste se situa em torno de 10, 15 cruzeiros, a tonelada. É mínimo. O consumo de gesso na fábrica de cimento, o que vale é o transporte. Naturalmente para vir da região de Pernambuco, Piauí, onde existem as maiores jazidas, vale o transporte. O transporte é onerado mensalmente ou semanalmente, hoje. De maneira que não tenho o preço do transporte. O preço do gesso lá se situa em torno de 10, 15 cruzeiros. O transporte onera isso em 5, 6 vezes mais. De maneira que o consumo do gesso é o transporte.

O SR. COORDENADOR - Ninguém mais deseja fazer uso da palavra?

Eu desejo aproveitar a oportunidade para esclarecer ao Dr. Paulo Lobo a respeito do gesso químico. No caso particular nosso, da SERRANA, podemos, inclusive, adiantar que estamos utilizando gesso químico na nossa fábrica e estamos colocando esse gesso à disposição. Com isso acreditamos que conseguiremos fornecer gesso para regiões onde há maior consumo a preços que virão em parte beneficiar, devido ao fato do frete que é motivo do seu alto custo, ser minorado.

O SR. JOSÉ MARIO TAVARES DE OLIVA - A SERRANA já está oferecendo para servir a região toda?

O SR. COORDENADOR - Já. Estamos oferecendo isto desde praticamente o início do ano. A própria SERRANA está consumindo da fábrica de fosfórico que ele tem empregado e recentemente, nas últimas semanas, ela tem colocado isto e estamos oferecendo. Acreditamos que isso virá melhorar a disponibilidade do gesso aqui na região sul.

O SR. JOSÉ MARIO TAVARES DE OLIVA - Embora o gesso pela sua incidência no consumo, 3%, não é um número que afete muito o preço, não é?

O SR. COORDENADOR - Não vai resolver, evidentemente, o problema da rentabilidade, que nós estamos esperando.

O SR. PAULO LOBO - Queria um esclarecimento ainda. A pergunta seria ao Sr. Francisco. O comportamento desse gesso para outros fins, por exemplo, para revestimento, tem limitações sob aspecto de comportamento físico, problema de fiscalização, se é necessário fazer adução de gesso natural ou coisa que o valha.

O SR. COORDENADOR - Pois não. O problema do gesso químico é novo neste país. Mas no mundo inteiro foi muito bem estudado devido a ele ser um subproduto da fabricação de fosfórico e que em alguns países tem problema grave na sua reposição. A sua autorização depende da sua origem, das impurezas que ele contém e do seu posterior tratamento. No Japão, em particular, é autorizado largamente, não só como retardador do cimento como matéria prima básica para construção.

Na Europa ele é utilizado. Mas lá eles não têm o problema da gipsita. Eles têm distribuir da gipsita, gesso natural. Então talvez seus métodos não tenham sido tão apurados. Nós podemos adiantar que no nosso caso particular estudamos profundamente o assunto e ele é perfeitamente utilizado após ser tratado. Um tratamento puramente físico de secagem e preparação para material de construção.

Mais uma vez desejamos nos congratular com os organizadores deste simpósio pela felicidade na escolha dos assuntos e dos conferencistas, fazendo, assim, o encerramento de mais esta conferência.

Muito obrigado.